



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

## **XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023**

### **Identidade à deriva: a metaficção historiográfica como reconstituídor identitário em “As Naus” de António Lobo Antunes**

**Maria Gabriela Silva de Macedo e Marques Guerra<sup>1</sup>; Tércia Costa Valverde<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda em Letras - Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [mgsmmg4@gmail.com](mailto:mgsmmg4@gmail.com)
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [tecaverde05@outlook.com](mailto:tecaverde05@outlook.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Metaficção Historiográfica; Identidade; António Lobo Antunes.

### **INTRODUÇÃO**

Objetivamos, nesta pesquisa, analisar como Lobo Antunes constrói em *As Naus* (1988) a relação entre a História e a ficção portuguesas, a partir de seu movimento de problematização do discurso histórico do passado ultramarino. A partir disso, investigou-se, também, a maneira como o autor questiona e reavalia a identidade portuguesa no romance, por meio do deslocamento histórico, moral e social de seus maiores representantes. Por fim, buscou-se compreender como a presença do elemento estético do grotesco evidencia a degradação da Pátria, auxiliando esse repensar identitário da sociedade portuguesa.

Justifica-se a sua realização pois, buscamos demonstrar como a literatura portuguesa, especificamente a obra de António Lobo Antunes, assume um papel de destaque ao estabelecer um diálogo com a História, partindo de um ponto de vista crítico. Compreendendo-a, portanto, como um elemento importante para expandir o senso crítico acerca das mudanças históricas pós-coloniais, assim como ampliar os estudos antunianos no território baiano.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Essa pesquisa fundamentou-se na metodologia com base qualitativa, de natureza bibliográfica exploratória. O *corpus* selecionado para o desenvolvimento da pesquisa foi a obra *As naus*, do escritor português António Lobo Antunes. Foi feita a leitura do material literário e teórico e, a partir disso, a análise da obra, que resultou em um artigo científico. Utilizamos como materiais teóricos principais os estudos de Hutcheon (1991), Valverde (2017), Bakhtin (1982), Kayser (1986) e Hall (2003).

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

Observando a produção literária ocidental que foi desenvolvida no fim do século XX, muitos romances trazem à tona os fatos pretéritos e consagrados com um olhar crítico e reflexivo, considerados assim integrantes de um movimento narrativo chamado

de “metaficção historiográfica” (Hutcheon, 1991). Diante das diversas formas de narrar os ocorridos do passado, a metaficção historiográfica questiona a História a partir de dentro, fazendo uma releitura crítica dos fatos.

Em *As Naus* (1988), é possível perceber, justamente, esse movimento de retorno ao passado, mas, ao mesmo tempo, evidenciando um olhar diferente acerca dele. A conhecida História Portuguesa, alicerçada nos grandes feitos de diversas figuras que auxiliaram a construção desta grande Pátria pretérita é destronada, degradada e carnavalizada, em pleno século XX. Assim, António Lobo Antunes se propõe a apresentar uma versão subversiva daqueles que representam o “ser português” e sua História, fazendo isso do lado de dentro, se apropriando desses seres e de sua Pátria, revisitando um espaço-tempo pretérito com o olhar do presente, em uma tentativa de despertar a nação, que viveu por muito tempo o sonho do passado colonial.

Com isso, conseguimos acompanhar os desdobramentos que envolvem o retorno a Portugal, pós 25 de Abril de 74, de diversas personalidades portuguesas como: Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, Vasco da Gama, Manoel de Souza Sepúlveda, Luís de Camões, Fernão Mendes Pinto, D. Manoel, D. Sebastião, Francisco Xavier e Garcia da Orta. Todos estes em consonância com algumas outras figuras mais secundárias, compõem a crítica antuniana.

Ao retornarem a Portugal, encontram um espaço completamente diferente daquele que deixaram quando partiram e vagueiam por uma Lisboa decrépita, sem nenhum tipo de indicativo de prosperidade. De fato, os personagens do romance antuniano não encontram em seu próprio país a sensação de pertencimento, de lar, que tanto anseiam, pois não conseguem aceitar as gritantes diferenças entre o momento de sua partida (o passado) com o estado presente em que se encontra sua Pátria. Nesse sentido, os personagens estão, a todo tempo, vivenciando as suas mazelas, a decadência física e moral, como reflexo do resultado de um movimento descolonial. O país, em específico, Lisboa, a capital do Império de outrora, não se preparou para receber aqueles que retornavam da África.

A versão antuniana dos representantes portugueses relembra a todo o momento uma Portugal que já não existe, se percebendo em um espaço que já não se sentem completamente participantes e onde, também, não são reconhecidos. Ao mesmo tempo, esses personagens também se sentem desconectados de si mesmos, com uma constante sensação de despertencimento e desamparo. Essa desconexão e deslocamento sentidos pelos personagens se mostram como uma perfeita metáfora para a própria sociedade portuguesa que, de tão apegados ao passado, não conseguiram observar e se reconhecer nas mudanças políticas, econômicas e sociais do presente.

Como afirmado por Valverde (2017), esse passado glorioso português é desconstruído pelo referido autor, que utiliza a paródia e a carnavalização para ironizar a História e as figuras icônicas portuguesas. Nesse sentido, percebemos que a obra antuniana carrega consigo a crítica ao apego português com o passado, sendo este processo de carnavalização uma maneira de reduzir a História portuguesa e seus representantes de uma maneira exponencial, podendo causar, inclusive, um incômodo pulsante naqueles mais apegados e agraciados com o discurso histórico do país.

Pensando nesse sentido, compreendemos que o imaginário coletivo é construído a partir dos discursos canonizados e legitimados e que a formação identitária de uma

nação é, também, um reflexo dessa História. Observando o desenvolvimento histórico do país, percebemos que ele se construiu com os descobrimentos de cinco séculos atrás, tendo reconhecido diversos homens como heróis nacionais por seus feitos. Suas expedições marítimas, que constituíram o grande Império, disseminaram também a Língua Portuguesa e “civilizou” nações. Além disso, a Literatura também se mostrou como um fator de grande importância para a criação do imaginário social, quando esses fatos tidos como heroicos foram registrados pelos poetas.

Lobo Antunes, portanto, escolhe trazer o passado colonial para o século XX, logo após a Revolução dos Cravos de 1974, período que marca o fim da ditadura salazarista e da colonização. Período este que, de acordo com Lourenço (1991), a sociedade portuguesa está passando por uma forte crise de identidade. Com o fim da colonização, o país, que se destacou e esteve à frente na expansão marítima, se via o mais atrasado e medieval de toda a Europa, em pleno século XX.

O que resta diante desse cenário é a forte desilusão, frequentemente vivida pelos personagens retornados em *As Naus*, que já não se compreendem em frente ao mundo de mudanças, quando tudo que ainda reconhecem é o passado. Suas figuras são utilizadas como espelhos que refletem a imagem dos sujeitos portugueses que, também, estão entre o passado e o presente, vivendo o “aqui agora” em um lugar que não realmente reconhecem, “como se arribasse a uma cidade estrangeira” (Antunes, 2011, p. 8-9).

A carnavalização (Bakhtin, 1999) realizada em *As Naus* é utilizada, justamente, para evidenciar essa desilusão portuguesa contemporânea diante do fim do Império, apresentando uma inversão de valores e do imaginário social. O grotesco é uma das formas que a carnavalização opera, como um elemento estético de crítica social e cultural que, na obra, é percebido por ser responsável pelo rebaixamento físico e moral, não só das personagens, mas do próprio ambiente lisboeta.

Os personagens são rebaixados de maneira grotesca, irônica e, em certo nível, cômica. Essa dessacralização vivida pelos personagens reflete de maneira direta o pensar identitário, já que se reduz a ideia criada em torno dos grandes nomes portugueses. Ao rebaixar os grandes representantes portugueses, há, também, a redução dessas personas na balança que rege o imaginário coletivo do que representaria o sujeito português. Formula-se, portanto, um rebaixamento daquilo que se é elevado, de maneira a reduzir o peso que aquilo tem nas vivências contemporâneas.

De maneira exemplificativa, conseguimos perceber este movimento com o próprio retorno do “homem de nome Luís”, que representa Luís de Camões, que, ao chegar em Portugal, carrega consigo os restos mortais de seu pai e aguarda no cais à beira do Tejo os seus pertences. Bagagem esta que nunca chega, independente de quanto ele espere e, mediante o tempo passado, o corpo de seu pai se desfaz e liquidifica-se. Todo este arco se torna completamente significativo quando pensamos como uma alegoria. Por si só, há a situação grotesca da mudança de estado sofrida pelo corpo em decomposição do “pai-pátria” (Valverde, 2017) de Luís, que se torna líquido, diluindo consigo o ideal português sustentado por *Os Lusíadas* de Camões.

Sua espera pela bagagem que não vem reverencia o apego ao passado que jamais volta, nem pelo Tejo, nem por lugar nenhum. Mesmo após desistir de esperar a bagagem, ainda há a persistência do homem de nome Luís de dar um funeral digno ao

pai, que também nunca acontece. Seus restos mortais, por fim, viram adubo para as plantas de um botânico Garcia da Orta, elencando que o passado pode adubar aquilo que é o “ser português”, porém não pode mais ser a semente.

Lobo Antunes convida, portanto, a direcionar um novo olhar ao ideal de “ser português”, antes tão ancorado na História gloriosa do país e seus representantes, agora visualizada como um novo espaço e chance para a criação e estabelecimento de uma visão acerca da nacionalidade, desvinculada aos antigos mitos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

A partir das análises realizadas, podemos destacar que no romance *As Naus* (1988), Lobo Antunes coloca em evidência não só o repensar do discurso histórico português, mas também uma revisão do próprio sujeito que vem a ser construído e moldado, a partir da História do país. Portugal esteve em um lugar colonial de destaque e viveu um regime ditatorial (entre 1933 e 1974), que reforçou a ideia patriótica durante sua vigência, resgatando e revalidando os ideais do passado, mantendo, inclusive, um regime colonial análogo ao do século XVI. Após o fim da ditadura e com o fim do colonialismo africano, se viu sem nenhum direcionamento para viver o futuro e encarar as mudanças políticas e sociais do século XX.

Ao mesmo tempo, a própria compreensão das identidades, tanto social quanto individual, vinha se modificando nas sociedades pós-modernas, vistas agora como constructos complexos, mutáveis e fragmentados. A Portugal pós-colonial se encontrou apegada ao passado, assim como os personagens apresentados por Lobo Antunes, mas vivenciando um presente atravessado por novas mudanças sociais, políticas e culturais.

Lobo Antunes busca, portanto, destacar a importância de se revisitar o passado, não a fim de resgatá-lo, como fez o período ditatorial, mas como forma de compreender e viver melhor esse presente atravessado por mudanças. Desta maneira, o autor não intenciona formular por meio de seus personagens uma identidade portuguesa una, conclusiva e concreta, mas evidenciar que, é necessário retornar para dentro de si e refletir de maneira crítica sobre as questões socioculturais que transbordam para o debate identitário, sendo assim um passo essencial para formular uma nova noção de nacionalidade.

### **REFERÊNCIAS**

- ANTUNES, António Lobo. *As Naus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. 4ed. São Paulo:Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. Psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- VALVERDE, Tércia Costa. *A desconstrução da história de Portugal, em As Naus de Lobo Antunes*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017